

A um passo da aliança

Ala do PMDB pró-Serra diz ter 62% dos votos para assegurar acordo na convenção

Roberto Stuckert Filho/3-10-2001

Ilmar Franco

BRASÍLIA

Aliança do PMDB com o PSDB em torno da candidatura do tucano José Serra à Presidência da República está praticamente certa e deverá ser aprovada na convenção dos peemedebistas em 15 de junho. Os integrantes da ala de oposição continuam lutando contra a coligação formal, mas já chegaram à conclusão de que não terão forças para impedir a vitória dos governistas. A escolha da deputada Rita Camata (PMDB-ES) para ser a candidata a vice na chapa de Serra, se for concretizada, poderá até fazer alguns dissidentes mudarem de lado.

O presidente do PMDB, Michel Temer (SP), depois de uma série de reuniões nos últimos dias, deixou a cautela de lado e disse que já tem maioria para aprovar a coligação.

— Se conseguirmos solucionar todos os problemas regionais, teremos maioria folgada. Se alguns ficarem pendentes, ainda assim teremos maioria. Não há mais risco — diz o presidente do PMDB.

A ala integrada pelo governador Itamar Franco, o ex-governador Orestes Quêrcia (SP) e pelo senador Íris Resende (GO) perdeu força desde 3 de março, quando realizou sua convenção em São Paulo. Eles mobilizaram 170 convencionais titulares e 80 suplentes. Mas em junho não contarão mais com o apoio do Rio Grande do Sul, que tem direito a 60 votos na convenção.

O movimento dos gaúchos não ocorre apenas por causa da articulação para que o senador Pedro Simon (RS) seja o vice de Serra, mas também devido à disputa regional. O PMDB gaúcho enfrentará na disputa pelo governo do estado o ex-governador Antônio Britto (PPS), que dará palanque para Ciro Gomes, e o ex-prefeito Tarso Genro (PT), que apoiará Luiz Inácio Lula da Silva.

— Nós não temos muita saída. Se não ficarmos com o Serra, vamos fazer o quê? — pergunta Pedro Simon.

Esforço concentrado garantiu o resultado

• Para garantir a aprovação da aliança, a direção do PMDB, com o apoio dos tucanos, fez um esforço nas últimas semanas para compatibilizar os interesses dos dois partidos em alguns estados. A operação fez parte de uma conta de chegada para garantir os votos dos convencionais em 15 de junho. Nem todos os casos foram resolvidos, mas o ex-ministro dos Transportes Eliseu Padilha ficou três dias em Brasília esta semana para fazer o mapa da convenção e concluiu que os governistas têm 62% dos convencionais.

Apesar da avaliação otimista, a cúpula do PMDB também está sofrendo defecções. Por isso, os dissidentes continuam trabalhando e vão se reunir na próxima terça-feira em Brasília.

— No PMDB nunca dá para ter segurança absoluta. Não vamos ceder, e a queda de cinco pontos de Serra nas pesquisas pode influenciar muita gente — diz o deputado Marcelo Barbieri (PMDB-SP).

Para acabar com as prévias que escolheriam o candidato do PMDB à Presidência da República na convenção de 10 de março, os governistas mobilizaram 213 titulares e 66 suplentes. Mas tiveram votos que não devem se manter. Votaram contra a realização das prévias os delegados do Amapá e do Maranhão, comandados pelo senador José Sarney (PMDB-AP), e os do Pará, liderados pelo ex-senador Jader Barbalho.

Os três estados têm direito a 57 votos na convenção. Esse contingente poderá aumentar caso o PSDB decida se aliar ao governador Esperidião Amin (PPB). O PMDB de Santa Catarina tem 39 votos na convenção e o adversário de Amin, o ex-prefeito Luiz Henrique da Silveira, já ameaçou se rebelar contra a coligação caso não tenha o apoio dos tucanos.

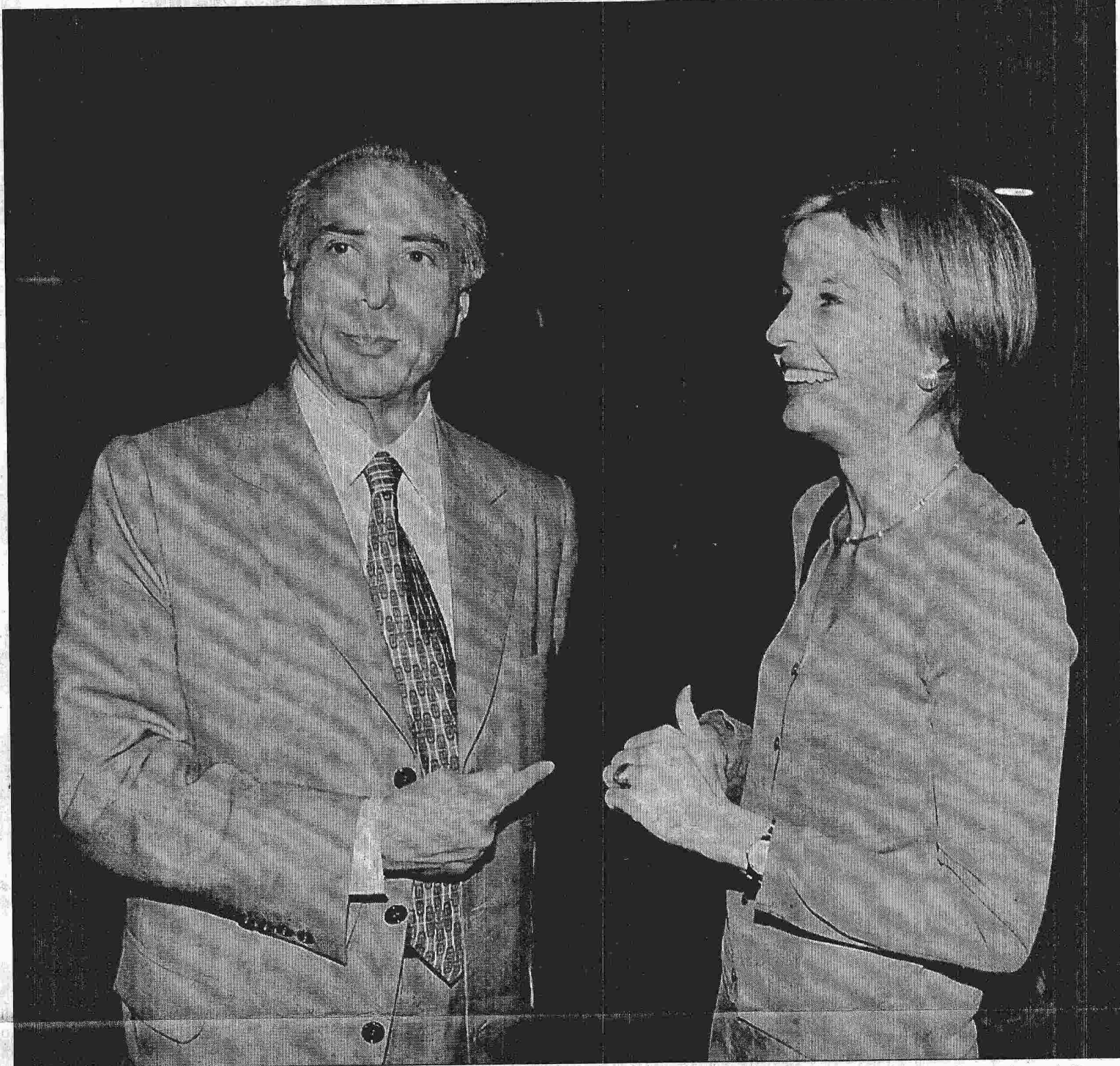
— A aliança não é pacífica. As questões regionais vão falar mais alto que a nacional — diz o senador Íris Resende (PMDB-GO).

Governistas têm o apoio de pelo menos 291

• Os governistas, segundo peemedebistas das duas alas, têm praticamente o apoio dos convencionais de 15 estados. São 291 votos de um total de 687. Além destes, segundo comportamento observado nas últimas convenções, os governistas beliscam mais 67 votos em estados divididos e em que a oposição tem maioria — São Paulo, Ceará, Paraná, Minas Gerais e Goiás.

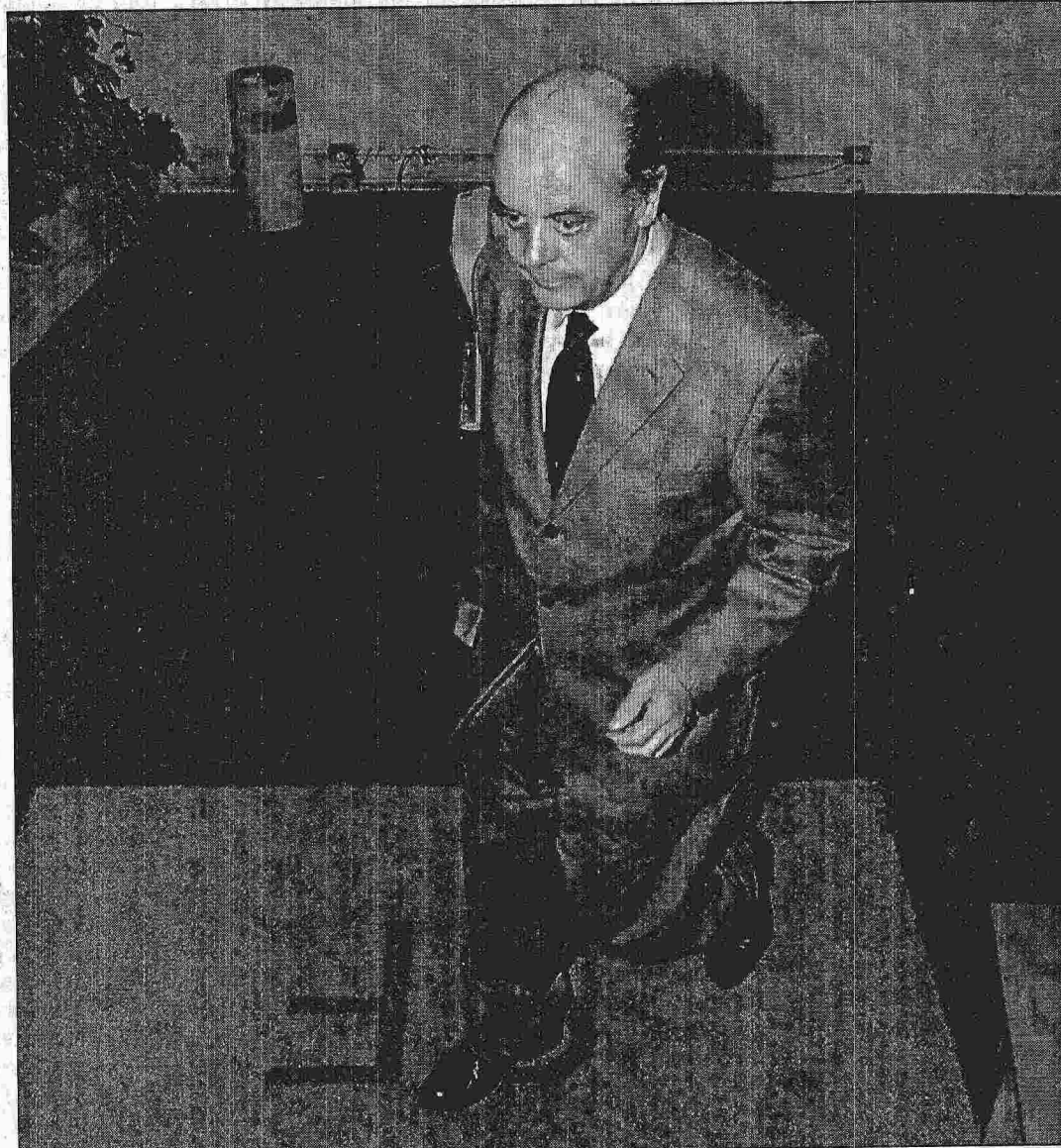
Enquanto isso, a oposição teria garantidos no máximo 269 votos. Essa avaliação pressupõe que José Sarney determine a seus aliados que votem contra Serra e que Jader Barbalho abandone seu alinhamento com a cúpula do partido.

— Não vamos para o afogamento. Se o



MICHEL TEMER, presidente do PMDB, conversa no Congresso com a deputada Rita Camata, provável indicada pelo partido para ser vice na chapa de Serra

Gustavo Miranda/8-5-2002



SERRA: O candidato tucano conta com a oficialização do apoio do PMDB na convenção de 15 de junho

PMDB ficar livre, poderemos fazer uma aliança para apoiar o senador Ademir Andrade (PSB) para o governo — diz o deputado José Priante (PMDB-PA).

Mesmo com a provável vitória, os governistas não estão de braços cruzados. Estão trabalhando para acomodar os interesses dos peemedebistas nos estados.

— O PMDB é um partido complexo e diversificado — justifica o líder do partido no Senado, Renan Calheiros (AL).

Foi por isso que a cúpula do partido empenhou-se em unir o ex-governador Dante de Oliveira (PSDB) e o senador Carlos Bezerra (PMDB) em Mato Grosso.

— O PSDB abriu a chapa para o Senado e agora o PMDB vai examinar o que é melhor. Mas, qualquer que seja nossa decisão, ela não implicará ser contra o apoio a Serra — diz Bezerra.

As sucessivas reuniões que levaram ao qua-

se acordo em Mato Grosso estão se repetindo para resolver a questão de Santa Catarina. Esta semana, o presidente do PSDB, José Aníbal (SP), e o coordenador da campanha de Serra, Pimenta da Veiga, vão se reunir com os tucanos catarinenses. O PSDB apoiou Amin (PPB) em 1998 e participou de seu governo, mas agora o PMDB cobra o apoio dos tucanos.

— O natural é ficar conosco. Em 98 nós não fizemos coligação nacional com o PSDB, e o PPB fez, mas agora é o contrário — resume o líder do PMDB na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA).

Rita Camata atrai votos da ala oposicionista

• A ala oposicionista do PMDB tem outro problema político pela frente desde sexta-feira

“Nós, do PMDB, não temos muita saída. Se nós não ficarmos com (a candidatura presidencial de) José Serra, vamos fazer o quê?”

PEDRO SIMON
Senador (PMDB-RS)

“No PMDB nunca dá para ter segurança absoluta. Não vamos ceder e a queda do Serra em cinco pontos (nas pesquisas) pode influenciar muita gente”

MARCELO BARBIERI
Deputado federal (PMDB-SP)

“Rita (Camata) é a minha candidata. O problema regional fala mais alto, mas o Serra ganha eleitoralmente e em credibilidade. Vou rever minha posição”

EDISON ANDRINO
Deputado federal (PMDB-SC)

passada. Com a candidatura a vice do deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN) descartada, uma ilustre representante dos dissidentes, Rita Camata, passou a ser o nome mais forte para vice. Sua escolha poderá fazer com que parcela do grupo de oposição apoie a candidatura Serra. Rita é conhecida no Congresso por votar frequentemente com a oposição. Ela fez parte do bloco que votou contra vários projetos importantes para o governo, como o da reforma administrativa e o da reforma da Previdência.

— Rita é a minha candidata. O problema regional fala mais alto, mas o Serra ganha eleitoralmente e em credibilidade. Vou repensar minha posição — diz o deputado Edison Andrino (PMDB-SC), da ala de oposição. ■

• COPA DEIXARÁ PRESIDENCIAIS NO BANCO DE RESERVAS na página 4